

Sínodo da Amazônia: Sínodo da Igreja, Sínodo do mundo?

Amazon Synod: Synod of the Church, Synod of the world?

João Décio Passos*

Recebido: 14/04/20

Aprovado: 02/05/20

Resumo:

O presente ensaio reflete sobre os significados universais do Sínodo para a Amazônia. Responde de modo sucinto sobre as dimensões ecológica e eclesial dessa universalidade. A tradição eclesial revela a relação constitutiva entre o universal e o particular. As ciências da terra expõem a inter-relação das partes com o todo, dos ecossistemas com o todo planetário. O contexto eclesial do pontificado do Papa Francisco é a condição da emergência da Amazônia como questão para a Igreja e para o mundo. No Sínodo a Amazônia se fez presente de modo real tanto em todo o processo de preparação e, de modo impactante – senão escandaloso - na assembleia sinodal.

Palavras-chave: Amazônia, Igreja, Ecologia, Sínodo, Tradição.

Abstract:

This essay reflects on the universal meanings for the Amazon Synod. It responds succinctly about the ecological and ecclesial dimensions of this universality. The ecclesial tradition reveals the constitutive relationship between the universal and the particular. Earth sciences expose the interrelation of parts with the whole, of ecosystems with the planetary whole. The ecclesial context of Pope Francis' pontificate is the condition for the emergence of the Amazon as an issue for the Church and the world. At the Synod, the Amazon was present in a real way both in the whole process of preparation and, in an impacting - if not scandalous - way in the synodal assembly.

Keywords: Amazon, Church, Ecology, Synod, Tradition.

Introdução

O que o mundo tem a ver com um Sínodo para a Amazônia? O que a Igreja universal tem a ver com as Igrejas da Amazônia? Estas perguntas estiveram latentes no processo sinodal como questões incômodas para as mentalidades tradicionalistas, etnocêntricas e colonialistas e como projeto para os que insistem na reforma da Igreja e na relevância histórica do Evangelho. O Sínodo foi um verdadeiro escândalo para os integrados do hemisfério norte, inclusive os que vivem no Sul; foi julgado como herético e perigoso para os rumos da Igreja e do planeta. A questão do universal, categoria eclesiológica e ecopolítica, emergiu com toda concreticidade e despertou

* João Décio Passos é livre-docente em teologia, professor no ITESP e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, da PUC-SP.

crises na rotina da Igreja, e de alguns ideólogos das soberanias locais. A problemática da cultura/inculturação saiu dos livros e documentos eclesiásticos e ocupou o espaço sinodal com estética inédita, mas, sobretudo como apelo para a missão da Igreja. Os povos da Amazônia tiveram voz e mostraram seus apelos ao centro visível da comunhão eclesial, da direção eclesiástica e da burocracia curial romana.

As respostas às duas interrogações podem ser ensaiadas por viés eclesiológico e ecológico, ou, de modo mais completo, pelos dois vieses bem articulados pelas regras clássicas de elaboração do discurso teológico: o confronto dos conteúdos da fé com as mediações da razão. Em termos metodológicos, o evento impactante é, na verdade, tradicional; coloca a ciência com seus resultados e métodos a serviço da perspectiva de fé que afirma a dignidade e a finalidade da criação e retira as consequências antropológicas, eclesiais e éticas desse confronto. Nos polos extremos se posicionam certas correntes de cientistas ateus e os tradicionalistas católicos. Os primeiros permanecem na delimitação do objeto empírico, os demais na delimitação de modelos teológicos do passado; ambos negam a possibilidade de uma articulação atual da fé com a razão, sem entraves dogmáticos. Porém, curiosamente o Sínodo protagonizou a atuação negativa dos tradicionalistas e não dos *ateus*; foi, de fato, a reação negativa de muitos católicos que veio a público, no sentido de negar a legitimidade do evento, por um suposto conteúdo heterodoxo. Ao contrário, muitos cientistas, ateus por convicção ou por regra metodológica, acolheram o evento como necessário e urgente para a época atual. Na verdade, no fundo da polêmica reside a própria figura de Francisco e seu magistério, a presença incômoda de um Papa reformador no centro de uma instituição tradicional, um latino-americano do fim do mundo com pautas também do fim do mundo. O centro do mundo católico tem se encontrado com o fim do mundo, o que, por decorrência, geopolítica ou ideológica, se encontra com o centro do sistema mundial, aquele que rege o planeta a partir dos interesses econômicos. O Sínodo para a Amazônia fez aflorar os interesses e os conflitos divergentes sobre os rumos do planeta e da Igreja; expôs de modo dramático os desafios para a vida planetária, a partir de uma localidade emblemática, a grande Amazônia com suas endogenias e gritos em nome do planeta maior e em nome da vivência do Evangelho encarnado na realidade.

Com efeito, as duas vias, a da ecologia e da teologia, exigem aprendizados novos, abertura para fatos, princípios éticos e posturas metodológicas, numa palavra, *conversão*, como insistiram o *Documento de trabalho* e o *Relatório final do Sínodo*.

Sem conversão, ou seja, sem um movimento de saída das ideias estabelecidas, das rotinas eclesiais, dos interesses localizados, dos lugares comuns, das zonas de conforto e de uma fé cristalizada em modelos dogmáticos, essa temática supostamente localizada, assim como qualquer outra, fica dispensada como irrelevante, ou, no máximo, como pauta de ecologistas ou de mera estratégia de adaptação das Igrejas locais.

Contudo, a contradição é flagrante. Os que negaram o Sínodo como equivocado do ponto de vista ecológico (em nome de uma adequada política de preservação), político (em nome de uma soberania nacional) ou teológico (em nome de uma dogmática) entraram no debate, confirmando, assim, a própria relevância das questões que apareceram no bojo da temática da Amazônia. O evento terá sido mais um golpe de mestre do Papa reformador? O fato é que o Sínodo ganhou publicidade inédita, saiu da clausura sinodal e atraiu a indignação dos donos do poder mundial e a atenção dos vigilantes de uma tradição e de uma ortodoxia católicas. O princípio da *Igreja em saída* se fez valer efetivamente, na medida em que conectou de modo cúmplice o próximo e o distante, o centro e a periferia, o desconhecido com o conhecido, o idêntico e o diferente. Por sua vez, as repercussões só confirmaram a relevância da temática e tiveram um papel importante na divulgação do evento e na publicização dos debates. O que era de certa forma localizado emergiu como universal para a sociedade de um modo geral, para a Igreja e para a própria teologia.

1. O que a Amazônia tem a ver com o resto do mundo?

Nos territórios da ecológica e da teológica, o que está verdadeiramente em jogo é a relação de fundo entre o local e o global com suas traduções epistemológicas, econômicas, políticas e culturais. A ecologia nos ensina que a terra é um sistema que integra todo e partes de modo indivisível, mesmo que, aparentemente, as distâncias dos ecossistemas que compõe o planeta possam sugerir uma autonomia completa que dispense a conexão global. A pequena bola azul foi se formando precisamente na medida em que os vários biomas eram constituídos como partes de um todo que se ajusta sempre na relação mútua de complementaridade. Prevalece uma relação constitutiva da vida em relação ao conjunto do planeta, feito de continentes e oceanos, de desertos e florestas, de rios que trilham os solos, subsolos e nuvens, de degelos e de evaporações, de altas montanhas e de planícies, de pântanos e regiões secas, de precipitações e estiagem. A vida é um todo que se desdobra em partes e avança dinamicamente como sistema integrado e integrador. Estamos interconectados e somos

interdependentes, de forma que o mais distante e isolado no tempo e no espaço e no tempo se encontra ligado. Como seres vivos e como espécie, trazemos em nós o mesmo passado e padecemos do mesmo destino futuro. Todos os tipos de isolamentos são, na verdade, ilusórios, construções culturais que ignoram a realidade primordial do conjunto e a lógica do sistema vivo.

Essa consciência ecológica é recente, seja como ciência do todo, seja como defesa ética do mesmo todo. Ela se encontra em marcha, talvez dando os primeiros passos. De fato, ainda não sabemos tudo com respeito aos processos de interação dos biomas mundiais entre si, como os movimentos da terra com suas estações, alteram o conjunto, como os resultados climáticos desse movimento interferem no conjunto, como os ciclos climáticos dos planetas resultam de lógicas globais, como as correntes marítimas impactam os continentes, os climas etc. Os ciclos de esfriamento e calor da terra se encontram em discussão, a história da vida ainda carrega mistérios não respondidos. Também é fato que os etnocentrismos colonialistas ainda persistem ignorando o conjunto real da vida, afirmando como legítimos ideais, valores e projetos que privilegiam partes em detrimento do conjunto. O sistema vivo não tem seu correspondente nos sistemas econômico e político.

Mas, hoje se escreve a história da vida integrada à história da terra, a história da terra integrada à história do sistema solar, a história desse sistema à história da via láctea e, assim, na direção do universo, uma direção tão material quanto abstrata de tempos e espaços cada vez mais infinitos. A visão de conjunto se impõe sobre as particularidades e os isolamentos. A fé cristã avançou na construção da consciência universal, dando expressão para a experiência da *oikoumene* greco-romana e da criação universal de Deus. A consciência da igualdade cristã é confluência da tradição judaica com aquele contexto cosmopolita. Todos os seres humanos são radicalmente iguais e se inserem no próprio Cristo, Deus encarnado na matéria, encontro cósmico da imanência com a transcendência e que em si integra todas as coisas. Os cristãos se lançaram na direção do fim do mundo de então, superando os limites de nações e raças, incluíram escravos e livres, homens e mulheres (Gl 3,28), compreenderam que o Cristo ligava passado, presente e futuro e conectava em si toda a humanidade filha de Adão e toda a criação, protótipo de toda a vida (Cl 1,15).

A *Encíclica Laudato Si'* recepciona essa ciência e essa teologia quando afirma que tudo está interligado! (n. 137) É, de fato, a primeira vez que o magistério acolhe a

ciência da terra e a eleva em paradigma ético para se pensar o conjunto da vida e a responsabilidade humana pelo todo. No confronto com essa perspectiva chocam-se aquelas de fundo antropocêntrico, pressuposto persistente das mentalidades ocidentais (LS nn. 115-136). Sem essa percepção científica, ética e teológica, a Amazônia e seu Sínodo carecem de um significado unificador, de um pressuposto hermenêutico e de um princípio ético que desafia a fé e, por conseguinte, a reflexão da fé. Sem a consciência planetária – ciência da terra e consciência global – toda abordagem local sucumbe-se em sua localidade e perde sua conexão global, sua universalidade, em chave econômica, política e teológica. Os etnocentrismos de ontem e de hoje dispensam essa perspectiva, por razões diversas: por interesses econômicos que necessitam justificar domínios sem regulações sobre as dádivas naturais dos biomas que chamam de riqueza, por interesses políticos que afirmam o direito de domínio de uma civilização sobre os povos que chamam barbárie, por colonialismo científico sobre os mais ignorantes, por domínios religiosos sobre o que denominam xamanismo, idolatria. O Sínodo explicitou o confronto de duas consciências: uma ecológica (e, por conseguinte, global, planetária, universal e biocêntrica), outra etnocêntrica (e, por conseguinte, localizada, colonizadora, tradicional e antropocêntrica). A Encíclica *Laudato Si'* já expôs oficialmente uma ecoteologia que proporciona os modos de articulação que supera os isolamentos teocêntricos (sem conexões com o empírico), antropocêntricos (sem conexões com a natureza) e ecocêntrico (sem conexão com o socioantropológico). O conceito *ecologia integral* (LS nn. 85-95) estruturante dos Documentos sinodais expressa essa visão integradora que exige superar todas as epistemologias e políticas pautadas nas localidades de domínio.

O Sínodo para a Amazônia proporcionou um confronto dessas consciências que se encontram mais ou menos globalizadas, mais ou menos etnocêntricas, mais ou menos colonizadoras. Proporcionou um exercício de construção do universal a partir do local, quando se extrai e se eleva de um paradigma localizado (e não como não ser) os valores comuns para toda a humanidade e para toda a espécie. Contribuiu, por certo, com o avanço da consciência ecológica planetária, ainda que sem grandes efeitos políticos globais; desencadeou um processo eclesial que abrirá novas perspectivas para a Igreja de agora em diante. A introdução da Amazônia no coração da Igreja e, em boa medida, no coração da Europa e no bloco fundamental do poder econômico mundial, foi uma operação *cavalo de Troia* que trouxe o distante – geograficamente, politicamente,

eclesialmente, ecologicamente e, até, esteticamente - para perto da consciência eclesial sobre a missão dos católicos, dos cristãos e dos homens éticos sobre as urgências da vida planetária. O Sínodo expôs de forma escandalosa uma parte do planeta que padece as consequências históricas dos domínios econômicos e convidou a todos a olhar para a parte e para o todo. Muitos olharam a Amazônia como uma parte isolada, como temática desconectada do resto do mundo e do resto da Igreja. Os etnocentrismos foram retomados em discursos políticos e teológicos, ou, mais precisamente político-teológicos. A ultradireita em emergência planetária saiu na contradefesa, grupos políticos, personagens tradicionalistas, Cardeais do alto escalão da Cúria romana, cada qual com seus argumentos próprios, sacaram as armas críticas para deslegitimar o evento como extravagante para a fé. E como se tratou de um evento eclesial, o argumento teológico assumiu a dianteira: um Sínodo com riscos de heresia! A heresia da localidade que fere a universalidade da tradição da fé. A análise política não pode deixar de expor o jogo ideológico dos discursos supostamente de *pura fé* e de *fé pura*. Trata-se de um *front* acirrado entre uma perspectiva conservadora afinada por ideias e sujeitos econômicos, políticos e eclesiásticos. A crise econômica que persiste no planeta, acompanhada da crise da democracia liberal, tem colocado o ocidente em prontidão contra os riscos de dissolução; riscos que segundo acreditam não advêm da lógica inerente ao capital improdutivo que hoje comanda todo o resto da vida planetária e da vida humana, mas advêm de inimigos de dentro e de fora, inimigos que colocam em risco a estabilidade econômica, política, cultural e religiosa com suas necessidades e suas ideias: migrantes e refugiados, pobres, políticas sociais, direitos humanos, ideias sociais marxistas, teologias libertadoras com suas opções pelos pobres, modelos novos de família, islâmicos com suas identidades e fecundidade etc. Nesse clima e contexto de fundo, o Papa Francisco se torna um incômodo planetário a ser enfrentado com as armas adequadas. E as únicas armas viáveis, são, antes de tudo, as ideológicas: a desqualificação das ideias que deslegitima os discursos diferentes, que cria, por sua vez, o território inimigo, que exhibe os inimigos ameaçadores da ordem, que instaura o caos e que, por fim, elimina por vias possíveis o causador da desordem.

O Sínodo para a Amazônia está situado nesse contexto de crise mundial, de caos a ser enfrentado com novos líderes investidos de autoridade forte o suficiente para retomar e instaurar a ordem ocidental deteriorada pelas vias políticas oferecidas pela modernidade. O caminho é de um retorno aos valores perdidos, valores anteriores à

ordem moderna: à família tradicional (contra os novos modelos propugnados pela *ideologia de gênero*), ao Estado forte e soberano (contra as democracias socializantes), às identidades nacionais (contra as invasões estrangeiras) e ao fundamento religioso cristão (contra os pluralismos e secularismos).

Nesse movimento de retorno, o discurso teológico se torna fundamental; oferece o fundamento primeiro da unidade perdida e da estratégia legítima para recompor a ordem cristã ocidental. A Igreja em saída do Papa Francisco (*Evangelii gaudium*) se choca frontalmente ao retorno ao fundamento de si mesmo; soa como insegurança que ameaça a ordem. O Sínodo da Amazônia foi uma espécie de overdose para esse projeto que se encontra em curso no Norte e no sul do ocidente nas formas inéditas de modelos políticos ou no eterno retorno da ultradireita. O tradicionalismo católico que se confrontou com o Sínodo expõe em seus posicionamentos aparentemente de pura religiosidade, as armas ideológicas de um projeto político em marcha. Antídoto indesejado dos profetas da igualdade radical contra os preservadores de uma ordem ocidental (mundial?) perdida e resgatada.

2. O que a tradição católica tem a ver com a Amazônia?

Para teólogos afinados com a história da teologia ou com a metodologia teológica a pergunta beira o ridículo. A tradição católica não foi construída em suas diversas dimensões ou faces a partir de uma ideia universal anterior, superior e posterior à história concreta. Muito ao contrário, é resultado de processos dialéticos que envolveram, no conteúdo e na forma, elementos localizados, do ponto de vista geográfico, social, cultural ou mesmo religioso. É no engenho das experiências locais que o cristianismo e a Igreja se constituíram sob todos os aspectos; engenho do qual não cabe exceção nem mesmo à formação das fontes canônicas, ou, ainda mais, da própria experiência *querigmática* da qual decorre tudo o mais: o Verbo de Deus é Verbo encarnado, o ressuscitado é o crucificado, o salvador é Jesus de Nazaré.

A pergunta sobre o que a Amazônia tem a ver com a tradição católica repete perguntas esquecidas ou soterradas na longa temporalidade cristã, tais como: o que o norte da África tem a ver com Roma? O que Roma tem a ver com Antioquia? O que Antioquia tem a ver com Jerusalém? Ou ainda, em termos mais amplos, a clássica pergunta de Tertuliano: o que Atenas tem a ver com Jerusalém? O cristianismo entendeu a si mesmo como processo de inserção do querigma nos contextos históricos e

nesse mesmo processo foi formulando suas fontes, sua doutrina e compondo as camadas de sua longa tradição.

De fato, as assembleias sinodais e conciliares vieram precisamente para construir consensos universais de expressões particulares que sempre tiveram em jogo no centro de pensamento e, sobretudo, de vivência da fé. E, por certo, vale pensar: será a Amazônia mais exótica do que a cultura copta? Será mais estranha que os gregos para a fé cristã? Será mais desafiante do que foram as culturas armênia, siríaca ou itálica para o cristianismo antigo que se expandia e se estruturava em suas formulações e linguagens. Sem os confrontos entre as localidades judaica e grega não se pode pensar na própria formação do cristianismo em todas as suas dimensões. Sem as assimilações locais não é possível falar nos cristianismos orientais. E assim por diante, em todas as idades do catolicismo.

Com efeito, o diferente uma vez assimilado torna-se igual e reveste-se pela lógica da invenção da tradição, ou seja, como aquilo que sempre foi assim, como verdade que finca suas raízes nas origens da fé. A regra e o método da construção do consenso adotados como via de elaboração das formulações de fé por parte do cristianismo e, de modo emblemático, pelo catolicismo, narram o encontro crítico e criativo entre as diferenças; depõe a favor do processo permanente de discernimento da fé em cada contexto com o qual a Igreja se defronta e se dispõe ao diálogo. A Amazônia constitui somente mais um capítulo dessa longa história e desse método constitutivo da tradição. Só não enxergam esse fato inerente ao cristianismo as consciências essencialistas e colonialistas, sejam as de matriz política, sejam as de matriz teológica.

Para os que acreditam que os consensos de fé já estão definitivamente concluídos, que já foram dados no mesmo formato desde as origens apostólicas, ou que há um único modelo de interpretação da fé, o exercício sinodal só será legítimo sob a regra da repetição, no máximo da inferência nova sobre a premissa dogmática já posta como verdade universal e eterna. Aqui se distinguem com nitidez os tradicionalistas dos tradicionalistas; os que creem na transmissão da fé de modo atualizado no tempo e no espaço e os que creem numa doutrina única e fixa que se reproduz de modo intacto no decorrer do tempo como bloco petrificado que advém desde as origens. Tradicionalismo é repetição do mesmo pela via da autoridade; sinodalidade é discernimento, transmissão e construção pela via da colegialidade. A percepção tradicionalista acirrada na ocasião do último Sínodo não pode acolher a Amazônica com suas idiossincrasias como apelo à

fé, como conteúdo para a fé, como matéria que pode ser discernida e assimilada pela fé cristã, em nome do mesmo Espírito que conduz e faz a Igreja, que inspira e que renova a tradição. O que Roma tem a ver com Amazônia? A pneumatologia responde o que uma eclesiologia autocentrada dispensa e oculta.

Uma suposta Igreja universal posicionada anterior e acima das suas *sucursais locais* onde ela se concretiza na particularidade, na verdade suplantando as particularidades, é mais uma ideia de matriz platônica – uma essência imutável e eterna anterior às realidades concretas – do que a comunidade dos seguidores de Jesus Cristo, comunhão de membros inserida na história sob a condução do Espírito que a faz permanentemente com seus dons e com aquilo que sopra de dentro das culturas, onde habitam as sementes do Verbo. O consenso eclesial e o exercício da colegialidade é em sua essência a fé na condução da Igreja pelo Espírito: *Pois decidimos o Espírito Santo e nós não vos impor nenhum fardo, além dessas coisas indispensáveis...* (At 15, 28).

O discernimento é um convite a buscar de novo o essencial na diversidade, encontrar o *indispensável* em meio ao dispensável da cultura e da própria tradição. O Vaticano II adotou essa perspectiva com o princípio e o método da leitura dos sinais dos tempos.

E dever de todo povo de Deus e sobretudo dos pastores e teólogos, com a ajuda do Espírito Santo, saber ouvir, discernir e interpretar as várias linguagens de nosso tempo, e julgá-las à luz da Palavra de Deus, de modo que a verdade revelada possa ser cada vez mais intimamente percebida, melhor compreendida e apresentada de um modo mais conveniente (GS n. 44)

Os que negam a assunção da Amazônia por parte da tradição da fé negarão a história de formação do cristianismo? Negarão o princípio e a prática da colegialidade na Igreja? Negarão o discernimento como postura permanente em todas as realidades? Esqueceram o Espírito que sopra e cria em nome da verdade fixa e única?

O tradicionalismo acostumado com a repetição do mesmo como regra de verdade e com a ilusão de um universal encarnado em um único modelo de formulação da doutrina, do rito e da disciplina, verão nessa prática cristã tradicional uma heterodoxia a ser evitada e os conservadores verão uma afirmação de direitos locais prejudiciais aos rumos da economia e da cultura planetária.

Considerações finais

Francisco tem colocado a América Latina no centro da Igreja, desde que se apresentou como bispo de Roma vindo do fim do mundo. O Sínodo da Amazônia escancarou esse fato e pode ter encerrado uma etapa de confinamento romano e europeu

do catolicismo latino. Os Papas sempre trouxeram suas identidades locais e suas percepções particulares para o centro de condução da Igreja e com essas percepções ensinaram como legítimos protagonistas da transmissão da fé. Desde as origens, o exercício do papado não é outra coisa senão a gestão da unidade na diversidade. Em outros termos, o magistério papal é sempre situado de algum modo, ainda que se ancore e se exercite sob o signo da universalidade. Os sínodos sempre lidaram com as diversidades locais. Dos antigos aos novos, assumiram como objeto de discernimento temas julgados relevantes para a vida da Igreja como um todo. A tradição católica é o resultado da negociação entre realidades locais ou temas localizados com o núcleo considerado essencial para a fé; resultado do diálogo entre diversidades locais que avançam para consensos que buscam o universal comum; é da comunhão com o *querigma* que nasce a formulação do universal comum. Os Sínodos contemporâneos dedicados a algumas regiões evidenciam mais uma vez essa dinâmica: Sínodos para América, África, Oceania, Oriente Médio etc..... Portanto, o que mudou com o Sínodo da Amazônia? Qual será novidade que apresentou? Por certo não é nem pela geografia, nem pela identidade cultural e nem pelas urgências apresentadas. Outros Sínodos já se ocuparam de conteúdos iguais. Qual terá sido a razão do tamanho impacto? Três razões parecem explicar em boa medida esse suposto ineditismo.

Primeira: *o Papa Francisco*. No centro do movimento em curso na Igreja reside o Papa Francisco com suas reformas. As oposições ao Sínodo advêm dos mesmos territórios políticos e eclesiais que negam as reformas como heterodoxas e heréticas. Não se trata, no caso, de uma novidade, apenas de um momento de recrudescimento dos opositoristas, tendo como foco a temática da Amazônia, emblema das reformas, ponto de chegada concreto do magistério franciscano, da Encíclica *Laudato Si*, da Exortação *Evangelii gaudium*, da Exortação *Episcopalis communio* e do próprio Vaticano II. Em termos de paradigma teológico uma inegável confluência de teologia da libertação, ecoteologia, eclesiologia e teologia dos ministérios. Pode-se, ainda, perceber no fundo das temáticas emergidas como problemáticas locais da Amazônia, os últimos acertos de contas com algumas temáticas conciliares: sinais dos tempos, Igrejas locais, colegialidade, ministérios femininos e ordenação *virii probati*. O Sínodo para a Amazônia explicitou sem metáforas problemas da realidade atual e perspectivas teológicas renovadas. Portanto, a luta é, no fundo, entre renovação e conservação da Igreja.

Sem se separar da variável Francisco, mas, ao contrário, dialeticamente a ela relacionada está a variável da *conjuntura política mundial*. O Sínodo chega em um momento de emergência de projetos políticos autoritários que pretendem salvar o planeta do caos iminente, de forma que temáticas consideradas impertinentes ou perigosas a esse projeto que se configura em alguns governos são atacadas com argumentos desqualificadores. As causas assumidas pelas reflexões preparatórias e pela assembleia sinodal são contrárias e esse regime político em ascensão, na medida em que expõem as contradições do mercado mundial, dá voz a populações historicamente excluídas, expõem a causa ecológica como urgente, reclama por políticas sociais locais etc.

O terceiro aspecto diz respeito ao *método sinodal*. Já é de conhecimento de todos os que acompanham o pontificado de Francisco que os Sínodos não são mais os mesmos. O princípio da colegialidade foi indicado e assumido por Francisco já em Sínodos anteriores com toda coerência e consequência que traz em termos de metodologia de trabalho. Transparência e liberdade, realismo e debate, diversidade e discernimento, participação e consenso, são agora mais que princípios, mas, de fato, método de trabalho que vem sendo praticado, contra as formas clássicas de *consensos planejados*. Ademais, como ensina a *Episcopalis communio*, os Sínodos começam e terminam com o povo de Deus (7). A Amazônia se fez presente de modo real, efetivo, estético e profético no processo sinodal (nas consultas, nas reuniões preparatórias e no Documento de trabalho) e, de modo impactante – senão escandaloso - na assembleia sinodal.

Referências bibliográficas:

Documento final do Sínodo para a Amazônia <http://www.sinodoamazonico.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.html>

Compêndio do Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1986.

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013

FRANCISCO. Encíclica *Laudato Si'*; sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.

FRANCISCO. Constituição Apostólica *Episcopalis communio*. São Paulo: Paulinas, 2018.

FRANCISCO. Exortação pós-sinodal *Querida Amazônia*. São Paulo: Paulinas, 2020.

Instrumentum laboris do Sínodo da Amazônia. <http://www.sinodoamazonico.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/instrumentum-laboris-do-sinodo-amazonico.html>